

A noiva

Maeve Brennan

Tradução de Sabrina Siqueira¹
Universidade Federal de Santa Maria

Introdução à tradução

O conto “The Bride”² consta no livro *The Rose Garden*, uma compilação publicada no ano 2000, com vinte contos da escritora irlandesa Maeve Brennan (1917-1993), em que quase todas as histórias se passam em Nova York e as outras na Irlanda. O mesmo editor, Christopher Carduff, havia publicado em 1997 os outros vinte e um contos ambientados na Irlanda, mais especificamente em uma mesma casa no subúrbio de Dublin que guarda correspondência com uma morada da autora quando criança, sob o título *The Springs of Affection*. Ainda em 1997, foi publicada a única novela de Brennan, *The Visitor*, obra que teria sido a primeira a ser escrita pela autora, mas que só foi encontrada postumamente, em 1993.

Maeve Brennan nasceu em Dublin, capital da República da Irlanda, em 1917. Quando Maeve tinha 17 anos, mudou com os pais e irmãs para os EUA, porque o pai, Robert Brennan, envolvido na independência da Irlanda em relação ao Reino Unido desde o Levante de Páscoa de 1916, foi escolhido como representante do país na América assim da consolidação da nova República. É nos Estados Unidos que Maeve Brennan gradua-se em Inglês, faz carreira como jornalista, com destaque para suas colunas de crônicas sobre a cidade de Nova York nas revistas *Harper’s Bazaar* e *The New Yorker*, e passa a publicar contos inspirados na vida na cidade grande e nas memórias de Dublin.

“The Bride” é representativo das temáticas preferidas por Maeve Brennan, como a solidão de mulheres irlandesas imigrantes nos EUA e trabalhando como empregadas, a preferência por protagonistas outsiders e os enlances conjugais desprovidos de amor.

¹ Pós-Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos Literários, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Bolsista PDJ/CNPq, com pesquisa sobre a obra da autora irlandesa Maeve Brennan. E-mail: sabrinasiqeur@yahoo.com.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3026-4739>

² Agradeço ao direito de tradução concedido por The Estate of Maeve Brennan (Copyright © The Estate of Maeve Brennan 1997), representado pela Agência Massie & McQuilkin Literary Agents (Max Moorhead: www.mmqlit.com). A autorização foi concedida por e-mail em outubro de 2023).

Em um dos parágrafos de rememoração da protagonista, em que ela lembra que queria fazer um passeio naqueles ônibus de turismo e o dia do passeio nunca chega, estive em dúvida em como traduzir *landing*, se como “patamar” ou, em uma das aparições, como “desembarcar”. Na continuação do conto, depois da lembrança dos ônibus, quando o noivo chega e Margaret é arrancada desse devaneio, há repetição da palavra *landing* no que se refere ao patamar ou andar a que ela desce para encontrar o noivo, que entra pela porta dos fundos, enquanto Margaret está em seu quarto, no andar de cima. A primeira vez em que a palavra aparece, o narrador conta “*A joyful shouting came from downstairs, and Margaret ran out onto the landing*”. E logo no mesmo parágrafo aparece: “*When he reached the second-floor landing*”. A palavra *landing* pode ser patamar ou desembarcar.

Maeve Brennan era jornalista e uma das preocupações na redação jornalística é não repetir vocábulos, recorrer a sinônimos. Daí que a repetição dessa palavra em um mesmo parágrafo poderia ter um significado diferente em cada aparição, e poderia representar uma alusão ao “desembarcar” de um devaneio, de um sonho acordada da protagonista com esse passeio do passado, que ficou só na vontade. Devaneio ou *Daydream*, aliás, é também o título de um pequeno conto de Brennan, que consta em *The Rose Garden* como prefácio. Então, traduzi a primeira aparição de *landing* como “desembarcar”, como se ao ouvir o barulho de Carl chegando, Margaret tivesse tido que desembarcar do ônibus em que ela estava no “sonhar acordada”, no devaneio. Mas ficou para mim o questionamento se foi isso que a autora quis fazer, se essa é uma possibilidade de tradução. Segue a tradução do conto “The Bride”, de 1953.

A noiva

Às sete horas em ponto da noite anterior ao seu casamento, Margaret Casey terminou de arrumar suas coisas, trancou a mala e sentou na beirada da cama para recuperar o fôlego. Seu quarto era no andar superior da casa em Scarsdale, onde ela havia trabalhado como empregada por dez anos. Ela estava sozinha na casa. O telefone estava desligado, a geladeira estava desligada, as janelas estavam todas trancadas e todas as camas, exceto a dela, desfeitas para o verão. A família tinha ido cedo naquela manhã para o chalé deles em Berkshires, onde permaneceriam até outubro. Margaret esteve receosa pelo momento da partida deles, temendo suas próprias lágrimas, que rolavam facilmente, mas no último minuto ela sorriu brilhantemente e acenou e viu o carro desaparecer na estrada afora calma o suficiente, apesar de por um momento lá ela ter sentido que deveria chorar para que

eles voltassem, que voltassem, ainda que só por uma hora, e não a deixassem sozinha em um momento como este.

É claro, fora ideia dela mesma em primeiro lugar casar no dia seguinte à partida deles para as férias. O verão tinha parecido uma confortável e indefinida data distante naquela noite do último fevereiro em que ela havia cedido à persistência de Carl e se comprometido com ele. Ela gostava de Carl, mas não estava muito inclinada a casar com ele. Durante toda aquela noite, ela ficou deitada em pânico, pensando em formas de romper. Seria fria dizer a ele diretamente que ela não via utilidade nele. Astuta, decidiu fazer uma coisa de cada vez. Primeiro ela daria o aviso à Senhora Smith, e então iria simplesmente desaparecer para outra cidade e encontrar um novo emprego e não deixar que Carl soubesse nada sobre isso. Mas quando ela foi fazer isso, quando eles estavam tomando café da manhã e os avisou, a visão do rosto da Sra. Smith arrasada foi demais para ela, e para aliviar sua culpa ela deixou escapar que estava indo casar com Carl e se acomodar, e parar de trabalhar, e ter seu próprio lar. Sr. e Sra. Smith estavam boquiabertos e deliciados com a boa sorte dela, e o prazer deles a fez tão generosa que ela floreou o caso um pouco, descrevendo a casa (ainda não construída) que Carl esperava comprar, e contando sobre o plano de fazer negócios com o irmão dele algum dia, não agora. A Sra. Smith disse que esperava que Margaret permitisse que lhe oferecesse uma breve recepção de casamento aqui em casa depois da cerimônia, mas Margaret rapidamente disse não, que seus planos eram de casar no dia seguinte à partida deles para o verão. Depois de alguma discussão, a Sra. Smith cedeu e riu, e disse que afinal de contas Margaret era a noiva e que o mais correto seria que as coisas acontecessem à sua maneira. De volta à cozinha, Margaret sentou tão atônita como se eles a tivessem expulsado. Tudo que eu quis fazer foi avisar, ela pensou, e aqui estava eu comprometida.

Por outro lado, julho parecia longínquo. Haveria certamente algum jeito de se livrar. Ela poderia iniciar uma briga com Carl, ou poderia confiar na Senhora Smith e pedir conselho a ela. Mas foi ficando mais e mais difícil falar. De qualquer forma, ela se viu ficando mais afeiçoada a Carl. Era a primeira vez na vida que tinha alguém para si própria, e ele era muito atencioso com ela. Ele estava vindo agora, em poucos minutos, levá-la para jantar fora.

Ela contrastou esta noite com a noite, doze anos atrás, na Irlanda, antes da sua irmã Madge casar. Naquela noite, Madge não parava de fazer pose no seu vestido de noiva de seda azul, exibindo-se para os vizinhos enquanto a mãe dela sentava no meio do quarto chorando porque estava perdendo sua grande garota e a família iria logo estar espalhada. “Daqui a pouco é a Margaretezinha que vai estar me deixando”, chorava a mãe,

e Margaret tinha se lançado ao seu lado e protestado que não, não, ela nunca iria partir, e os vizinhos balançavam a cabeça em aprovação, dizendo que aquela era uma boa filha. Entretanto, boa filha e tudo, era Madge a favorita, e quando, depois de um ano, Madge decidiu economizar se mudando de volta para sua velha casa, Margaret sentiu-se desconfortável com o perpétuo rebuliço sobre o bebê de Madge e o marido de Madge e as dores e aflições de Madge. Margaret já estava então trabalhando fora, e quando seu tio em Nova York escreveu oferecendo para lhe emprestar a passagem, ela aceitou na hora, acreditando que no último minuto antes de sua partida a mãe iria tomar juízo e iria proibi-la de ir. Mas a mãe pareceu encantada em ver Margaret ter a sua “oportunidade”, e foram menos lágrimas derramadas sobre a partida de Margaret para uma terra estrangeira, que sobre a decisão de Madge em casar com um garoto que ela tinha conhecido a vida toda.

Margaret tinha encontrado grande satisfação nas ordens de pagamento que enviava para casa semanalmente, sabendo do poder que elas tinham dado a sua mãe no cuidado da casa. Depois de pagar a dívida com o tio, ela enviava mais e mais dinheiro para casa, incumbindo-se de enviar o máximo que pudesse. Ela sempre pretendia começar a economizar para sua passagem para casa, mas realmente acreditava que quando fosse a hora de rever sua mãe, o dinheiro surgiria de alguma forma. Ela queria retornar melhor que Madge, de uma vez por todas. Tinha o sonho de economizar suficientemente para voltar e começar seu próprio pequeno negócio, o suficiente para sustentar a mãe e a si, ou retornar com um ninho confortável e achar algum bom homem para casar. Nenhuma de suas esperanças se concretizaram. Todas as suas esperanças haviam se tornado remorsos, somente o sentimento dolorido e tenso em seu coração era o mesmo. Tudo tinha acabado dando errado. A mãe estava morta há cinco meses agora, e parecia não haver jeito de voltar para Madge, sentada lá triunfante, em posse de cada velharia de enfeite e mobília e tudo que tinha restado da velha casa. Não que Madge tenha oferecido enviar a ela alguma coisa – nem mesmo algumas das velhas fotos – e teria sido muita amargura revelar sua inveja e anseio perguntando por elas. Madge sabia o que estava fazendo, certamente.

Se ao menos Deus houvesse dado a Margaret a força de esperar um pouco mais, alguma coisa poderia ter aparecido. Ela podia ter ganho na loteria, ou alguma senhora idosa podia ter aparecido querendo companhia para viajar à Irlanda com ela, ou alguém – seu tio, talvez – podia ter morrido e deixado uma herança para ela. Não havia limites para as coisas que podiam ter acontecido, se ao menos ela tivesse tido paciência. Mas na noite em que ela soube que sua mãe estava morta, Carl foi tão simpático que ela se comprometeu além do que jamais havia pensado em fazer. Foi o jeito que ele colocou o braço sobre ela que a desmanchou, a proximidade do corpo dele dando a ela um aconchego que

ela tinha esquecido desde o colo da mãe. Como ele sabia bem a hora para tirar vantagem de mim, ela pensou, furiosa. A persistência dele tinha a desconcertado na primeira vez em que o encontrou. Ela podia então ter sido firme e ter se livrado dele para sempre. Era a cultura germânica nele, capacitando-o a esperar até que tivesse o que queria. Ele nunca se adequaria com o povo de casa. Eles iriam rir dele pelas costas e dizer que ele é grosso. Os olhos cruéis de Madge iriam cortar rente através das roupas americanas bacanas para ver a carne macia, de boa natureza, do cara facilmente magoável por baixo. Madge teria rido ao ouvir o Sr. Smith dizer que Carl era um rapaz bom e correto que sempre teria crédito com a comunidade. O Sr. e a Sra. Smith tinham sido muito gentis sobre a coisa toda. O Sr. Smith deu a Margaret três meses de salário como presente de casamento, e a Sra. Smith deu a ela o traje para casar. O vestido dela, um blazer e saia de shantung azul-marinho, estava pendurado agora no closet, com os sapatos novos na caixa no chão, embaixo, e o chapéu novo na caixa, na prateleira acima. Exceto pelas contas do rosário, ela não tinha nada antigo e familiar da Irlanda para levar consigo para o novo lar. Madge roubou tudo, e sem nem levantar um dedo.

Uma vez, quando Margaret era uma garotinha, antes de seu pai morrer, sua mãe e pai tinham ido para um passeio em um ônibus antigo, chamado charabanc, para o interior. Quando eles voltaram, falaram sobre o hotel onde tomaram chá e sobre as matas e rios que haviam visto. Eles prometeram que Margaret teria um passeio de charabanc um domingo, e ela acreditou neles e começou a ir todo domingo assistir aos ônibus se encherem de passageiros. Um monte de gente jovem costumava ir, rindo e empurrando-se uns aos outros para ver quem teria o melhor assento. Margaret escolheu seu assento – aquele bem na frente, perto do motorista – mas ela nunca teve a chance de ir passear em um. Havia sempre alguma desculpa para evitar que ela fosse. Às vezes, algum dos ônibus antigos ia em um tour misterioso. O motorista do charabanc sabia aonde ele estava indo, mas os passageiros tinham de adivinhar, e nunca poderiam estar certos de seu destino até que chegassem lá. As pessoas saindo nos tours misteriosos pareciam ainda mais felizes que o público usual dos charabancs. Margaret ansiava por ir com eles, embora ela tivesse um certo medo de que os charabancs misteriosos nunca mais voltassem. Ela poderia muito bem ter ido em um e não voltado, por todo o bem que ela tinha feito da sua vida.

Um grito animado veio do andar de baixo e Margaret correu para o desembarque. Era Carl. Ele tinha entrado por conta própria pela porta de trás. Estava acostumado a portas dos fundos, sendo um encanador. Quando ele chegou ao patamar do segundo andar, olhou para cima e a viu.

“Quem é a minha garota?”, ele gritou, como se eles estivessem a quilômetros de distância. A voz dele era desagradável no vazio da casa. Ele tinha estado bebendo, ela sabia pela sua voz, mas ela não diria nada a respeito dessa vez. Ele jogou a cabeça para trás e esticou os braços abertos, desajeitado na sua felicidade não costumeira, mas ela não estava tocada por essa emoção. Ela olhou para baixo fixa nele com espanto e temor.

“Qual é o problema?”, ele gritou, caindo em si, com os braços para baixo, no corredor. “Você estava com medo que eu não viesse? Você estava com medo que eu pudesse deixá-la na igreja? Você pode tirar essa ideia da sua cabeça. Você não vai escapar de mim assim tão facilmente”.

Ela quis gritar para ele que ele estava abaixo dela e que ela o desprezava, e que ela ainda não estava ligada a ele e que nunca estaria ligada a ele, mas ao invés disso ela falou civilizadamente, dizendo que estaria pronta em um minuto, e o alertando que não subisse ao quarto, porque o vestido de noiva estava pendurado lá e ela não queria que ele visse antes da hora, por temor de que trouxesse má sorte a eles dois.

The bride

At seven o'clock on the evening before her wedding day, Margaret Casey finished her packing, locked her suitcase, and sat down on the edge of her bed to catch her breath. Her room was on the top floor of the house in Scarsdale where she had worked as a maid for ten years. She was alone in the house. The phone was shut off, the refrigerator was disconnected, the windows all were locked, and all the beds, except hers, stripped for the summer. The family had early that morning driven off to their cottage in the Berkshires, where they would remain until October. Margaret had dreaded the moment of their departure, fearing her own tears, which fell easily, but at the last minute she smiled brilliantly, and waved, and saw the car disappear out onto the road calmly enough, although for a moment there she felt she must cry after them to come back, come back, if only for an hour, and not leave her by herself at a time like this.

Of course, it was her own idea in the first place to get married the day after they left for the summer. Summer had seemed a comfortable, indefinite time away the night last February that she had given in to Carl's persistence and given him her promise. She liked Carl, but she wasn't much inclined to marry him. All that night, she lay awake in a panic, thinking of ways to break with him. It would be heartless to tell him straight out that she had no use for him. Crafty, she decided to do one thing at a time. First she would

give Mrs. Smith her notice, and then she would just steal away to another town and find a new job and not let Carl know anything about it. But when she went in, when they were having breakfast, and gave her notice, the sight of Mrs. Smith's stricken face was too much for her, and to ease her guilt she blurted out that she was going to marry Carl, and settle down, and stop working, and have a home of her own. Mr. and Mrs. Smith were astonished and delighted at her good fortune, and their pleasure made her so generous that she embroidered the case a little, describing the house (not yet built) that Carl hoped to buy, and telling about his plan to go into business with his brother someday, not right away. Mrs. Smith said she hoped Margaret would let her give a little wedding breakfast here in the house after the ceremony, but Margaret quickly said no, that her plans were made to be married the day after they left for the summer. After some argument, Mrs. Smith gave in to her, and laughed, and said that after all Margaret was the bride and it was only right she should have things her way. Back in the kitchen, Margaret sat as astonished as though they had ordered her out of the house. All I wanted to do was give notice, she thought, and here I've gone and committed myself.

Still, July seemed a long time off. There would surely be some way to free herself. She could pick a fight with Carl, or she might confide in Mrs. Smith and ask her advice. But it grew harder and harder to speak up. Anyway, she found herself growing fond of Carl. It was the first time in her life she had ever had anyone of her own, and he was very considerate of her. He was coming along now in a few minutes to take her out to dinner.

She contrasted this evening with the evening, twelve years ago in Ireland, before her sister Madge was married. That evening, Madge never stopped posturing around in her wedding dress of blue silk, showing off before the neighbors while her mother sat in the middle of the room crying because she was losing her big girl and the family would soon be allscattered. "Next thing little Margaret will be leaving me," cried the mother, and Margaret had darted to her mother's side and protested that no, no, she would never leave, and the neighbors nodded approvingly and said that was a good daughter, that one. Still, good daughter and all, it was Madge who was the favorite, and when, after a year, Madge decided to economize by moving back into her old home, Margaret felt very out of place with the perpetual fuss over Madge's baby and Madge's husband and Madge's aches and pains. Margaret was already out working by then, and when her uncle in New York wrote offering to lend her the passage over, she accepted at once, believing up to the last minute before she left that the mother would come to her senses and forbid her to go. But the mother appeared delighted to see Margaret get her "chance," and there

were fewer tears shed over Margaret's departure for a foreign land than over Madge's decision to marry a boy she had known all her life.

Margaret had found great satisfaction in the money orders she sent home weekly, knowing the power they gave her mother over the household. After the debt to her uncle was paid off, she sent more and more money home, stinting herself to send as much as she could. She always meant to start saving her fare home, but she really believed that when the time came for her to see her mother again, the money would turn up somehow. She wanted to go back there and best Madge, once and for all. She had a dream of saving up enough to go back and start a little business, enough to support her mother and herself, or to go back with a comfortable nest egg and find some good man to marry. None of her hopes had come true. All of her hopes had turned into regrets; only the hurt, strained feeling in her heart was the same. Everything had turned out wrong. The mother was five months dead now, and there no longer seemed any way to get back at Madge, sitting triumphant there in possession of all the old bits of ornaments and furniture and everything that remained of the old home. Not that Madge had offered to send her anything—not even a few of the old photographs—and it would be too bitter to reveal her jealousy and longing by asking for them. Madge had known what she was doing, all right.

If only God had given Margaret the strength to wait a while longer, something might have turned up. She might have won the Sweep, or some old lady might have turned up who wanted a companion to travel to Ireland with her, or somebody—her uncle, maybe—might have died and left her a legacy. There was no limit to the things that might have happened, if she'd only had patience. But the night she heard her mother was dead, Carl was so sympathetic that she committed herself further than she had ever meant to. It was the way he put his arm around her that undid her, the closeness of his body giving her a warmth she had forgotten since her mother's lap. How well he knew the time to take advantage of me, she thought angrily. His persistence had put her off the first time she met him. She should have been firm then, and got rid of him for good. That was the German in him, enabling him to hang on until he got what he was after. He would never fit in with the crowd at home. They would laugh at him behind his back and say he was thick. Madge's cruel eyes would cut clear through the smart American clothes to see the soft, good-natured, easily hurt fellow underneath. Madge would laugh to hear Mr. Smith say that Carl was a fine, steady fellow who would always be a credit to the community. Mr. and Mrs. Smith had been very nice about the whole thing. Mr. Smith had given Margaret three months' salary as a wedding present, and Mrs. Smith gave her her wedding outfit. Her dress, a jacket and skirt of navy-blue shantung, hung now in the closet, with the new

shoes in a box on the floor underneath and the new hat in a box on the shelf above. Except for her rosary beads, she had nothing old and familiar from Ireland to bring with her into her new home. Madge had stolen everything, and without even lifting a finger.

One time, when Margaret was a little girl, before her father died, her mother and father had gone for a ride in a charabanc, out into the country. When they came back, they talked about the hotel where they'd had tea, and about the woods and rivers they had seen. They promised that Margaret would have a charabanc ride one Sunday, and she believed them and began to go every Sunday to watch the buses fill up with passengers. A lot of young people used to go, laughing and pushing and jostling each other to see who would get the best seat. Margaret had her seat all picked out—the one up in front near the driver—but she never had the chance to ride in it. There was always some excuse to keep her from going. Sometimes one of the charabancs went on a mystery tour. The driver of the charabanc knew where he was going, but the passengers had to guess, and never could be sure of their destination until they arrived there. The people going off on the mystery tours seemed even gayer than the usual charabanc crowds. Margaret longed to go with them, although she had a half fear that the mystery charabancs never came back at all. She might just as well have gone on one and not come back, for all the good she had made of her life.

A joyful shouting came from downstairs, and Margaret ran out onto the landing. It was Carl. He had let himself in by the back door. He was accustomed to back doors, being a plumber. When he reached the second-floor landing, he looked up and saw her.

“How's my girl?” he shouted, as though they were miles apart. His voice was hard in the emptiness of the house. He had been drinking, she could hear it in his voice, but she would say nothing about it this time. He threw his head back and stretched his arms wide, clowning in his unaccustomed happiness, but she was not touched by his emotion. She stared down at him in astonishment and fear.

“What's the matter?” he shouted, throwing himself down on his arms on the banisters. “Were you afraid I wasn't going to come? Were you afraid I might leave you at the church? You can get *that* idea out of your head. You're not getting away from me *that* easy.”

She wanted to scream at him that he was beneath her, and that she despised him, and that she was not bound to him yet and never would be bound to him, but instead she spoke civilly, saying that she would be ready in a minute, and warning him not to come up into the room, because her wedding dress was hanging there and she didn't want him to see it ahead of time, for fear of bringing bad luck on the two of them.

REFERÊNCIA

BRENNAN, Maeve. “The Bride”. In: BRENNAN, Maeve. *The Rose Garden*. Washington: Counterpoint, 2000.